

**GÊNEROS DO DISCURSO E MULTILETRAMENTOS: UMA POSSIBILIDADE DE  
LEITURA DE *O CABELO DE LELÊ***

Aline Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo**

Num diálogo entre a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo e os multiletramentos do Grupo de Nova Londres, nosso objetivo é analisar a obra *O Cabelo de Lelé* (2012), de Valeria Belém (verbal) e Adriana Mendonça (imagens), na tentativa de entender como o texto subverte estereótipos da criança menina negra para formar uma identidade empoderada, desvelando possíveis relações de alteridade e responsividade (dialogismo). Acreditamos que a articulação entre ambas as teorias pode ajudar na compreensão do contexto social contemporâneo que exige novas práticas discursivas para um ensino multiletrado ao propor um possível movimento de leitura e análise dos aspectos multissemióticos que constituem o texto em questão. Além do imbricamento entre as teorias do Grupo e do Círculo, um terceiro eixo compõe o aporte teórico da pesquisa: o feminismo negro. Pudemos compreender, assim, a subversão do estereótipo e a formação da identidade empoderada da menina negra no fio dos sentidos sobre a beleza na revisitação da memória e da cultura do povo negro.

**Palavras-chave:** Multiletramentos. Gêneros do discurso. Empoderamento.

**SPEECH GENRES AND MULTILITERACIES: A READING POSSIBILITY OF *O  
CABELO DE LELÊ***

**Abstract**

In a dialogue between Bakhtin and his Circle 's theory of speech genres and New London Group's multiliteracies, our goal is to analyze *O Cabelo de Lelé* (2012), by Valeria Belém (verbal) and Adriana Mendonça (images), in an attempt to understand how the text subverts stereotypes of the black girl child to form an empowered identity, revealing possible relationships of alterity and responsiveness (dialogism). We believe the articulation between both theories can help the contemporary understanding of social context that requires new discursive practices for a multiliterate teaching by proposing a possible reading and analysis movement of the multisemiotic aspects that constitute this text. Besides the imbrication between the Group and the Circle theories, a third axis composes the theoretical contribution of this research: black feminism. Thus, we could understand the stereotype subversion and empowered identity formation of the black girl in the thread of the meanings about beauty in a visitation to memory and culture of the black people.

**Keywords:** Multiliteracies. Speech genres. Empowerment.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestra em Letras - PLE, na linha de Estudos Linguísticos, na área Estudos do Texto e do Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: [alineunisintonia@gmail.com](mailto:alineunisintonia@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Os multiletramentos em língua portuguesa e suas literaturas, na escola, são ainda um trabalho um tanto vago que gera questionamentos em muitos professores. Um dos motivos pode ser a maneira rasa como documentos norteadores do ensino, as Diretrizes Curriculares de Educação do Estado do Paraná (2008), por exemplo, abordam alguns conceitos de multiletramentos. As propostas desses documentos estão fundamentadas em um ensino plural e interacionista que busca considerar os diferentes gêneros discursivos formados por diferentes modalidades da linguagem, porém, as práticas de ensino e aprendizagem nas salas de aula do ensino básico revelam-se ainda baseadas em textos de uma única modalidade: verbal. Diante desse quadro, os resultados de desempenho escolar apresentam-se insatisfatórios mesmo em face de alunos cada vez mais inseridos no contexto comunicacional e tecnológico, no qual se encontra grande diversidade de linguagens e culturas das quais os estudantes conhecem e dominam (INEP, 2019).

O conceito de multiletramentos, ou a pedagogia dos multiletramentos, elaborado pelo Grupo de Nova Londres, leva em consideração o contexto em que a sociedade contemporânea vive, no que diz respeito à tecnologia e à comunicação e propõe um ensino/aprendizagem que aponta para dois significados de “multi”: 1) a multiplicidade de linguagens que compõem os textos multimodais e 2) a pluralidade e diversidade cultural representadas por autores/leitores produtores de significação. (ROJO, 2013, p. 09). Vê-se, então, de todos os lados, a necessidade de uma educação configurada a partir dessa característica multicultural dos alunos.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise mais aprimorada de como o texto multissemiótico *O Cabelo de Lelê* (BELÉM, 2012) subverte estereótipos da criança menina negra para formar uma identidade de empoderamento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com base no diálogo entre os conceitos do Grupo de Nova Londres – Kalantzis e Cope (2007), Kress (2003) e, no Brasil, Rojo (2013) – e a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo – Bakhtin (1981) e Bakhtin e Volochinov (1992) –, com a finalidade de evidenciar possíveis relações de alteridade e responsividade (dialogismo) em um texto literário voltado para leitoras/leitores de 5 a 7 anos. Em outras palavras, fazer uma análise discursiva tanto da linguagem verbal, quanto da linguagem não verbal ou imagética (ou seja, multissemiótica) que compõem o livro *O Cabelo de Lelê* (2012) de Valeria Belém (verbal) e Adriana Mendonça (imagens).

Ademais, o objetivo geral desdobrou-se em objetivos específicos para o estudo do objeto desta pesquisa, a subversão de estereótipos da criança menina negra pela linguagem, e são eles, respectivamente: a) discutir a teoria dos gêneros do discurso e definir o conceito de multiletramentos, de modo a relacioná-los como possibilidades de analisar textos multissemióticos; b) ancorar as discussões sobre as práticas de empoderamento teorizadas pelo feminismo negro no viés da pluralidade e da diversidade culturais que constituem os gêneros do discurso; c) definir os conceitos de alteridade e responsividade, usados no procedimento de análise e, por fim, d) proceder com o movimento de análise da linguagem multissemiótica (verbal e não-verbal) do texto em questão.

A metodologia consistiu na revisão bibliográfica dos dois principais eixos teóricos que embasam este estudo: multiletramentos do Grupo de Nova Londres e gêneros do discurso do Círculo Bakhtiniano. Ao relacionar tais teorias, conforme propõe Rojo (2013), observamos que é possível partir da análise discursiva do verbal para o multissemiótico, assim como propõe o Grupo, mas, para isso, é necessário ampliar a maneira como se compreende a forma composicional, o estilo e a produção/circulação/recepção dos textos/enunciados, dentro do que propõe o Círculo: levar em conta as multimodalidades (sons e efeitos imagéticos, por exemplo) na forma composicional, neste caso, das imagens; quanto ao estilo, atribuir a produção de sentidos tanto aos recursos linguísticos quanto às unidades semióticas como gestos, cores, movimentos etc.; e, por fim, examinar a influência das mídias e das tecnologias na produção dos efeitos de sentido já que alteram a produção, a circulação e a recepção dos conteúdos (ROJO, 2013). Dentro desse entendimento, elencamos, para o procedimento de análise, além das descrições da forma composicional, estilo e produção, os conceitos de alteridade e responsividade. O feminismo negro – Cardoso (2012) e Lucena (2012) –, mesmo que de forma breve, tendo em vista a importância desse campo teórico, embasou a observância dos efeitos de sentido que emergem pelas vias culturais da discursividade.

Escolhemos a obra em sua versão digital por conta da facilidade do trabalho com ela, visto que o livro físico pode contar com número reduzido de exemplares nas bibliotecas, enquanto o digital pode ser compartilhado nos computadores das salas de informática escolares. Consideramos também, a título de embasamento para a produção e justificativa desta pesquisa, o domínio que os estudantes têm no manuseio das mídias e a necessidade de a educação voltar-se ao mundo digital, de modo que esses estudantes possam construir leituras ativas do texto, a partir de suas experiências e domínios do mundo digital. Chartier (1998, p. 88)) argumenta que:

O novo suporte do texto [a tela do computador] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro.

Não serão desenvolvidas análises sobre possíveis intervenções dos estudantes no texto em questão, no entanto, pensamos ser de extrema importância propor e discutir a leitura do texto digital de modo a levar a escola a refletir sobre a posição leitor/autor assumida pela atual geração de alunos. É dentro deste contexto que entrelaça digital e cultural que justificamos a produção deste trabalho e, também, por acreditarmos que a obra atende aos dois “multis” apontados pelo conceito de multiletramentos, pois, de maneira multissemiótica, aborda temas como as diversidades e o feminismo negro; como também pela importância do gênero literário para a escola e para a sociedade. Esperamos, com esse trabalho, ajudar professoras a tornar cada vez menos obscuro o ensino multiletrado sob a perspectiva da união das teorias de Bakhtin e do Grupo de Nova Londres tendo em vista a pluralidade de linguagens e culturas que formam as salas de aula e que causam impacto na prática docente.

## **2 A TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO: UMA POSSIBILIDADE AOS MULTILETRAMENTOS**

Em 2003, Kress, um dos teóricos pertencentes ao Grupo de Nova Londres,<sup>2</sup> em *Literacy in the new media age – Alfabetização na nova era da mídia* (tradução nossa) –, discutiu as mudanças que a revolução tecnológica causou, em especial, nas últimas duas décadas. Para ele, tais mudanças não aconteceram somente no âmbito tecnológico, mas envolveram toda a sociedade que se reestruturou e hoje o poder de produzir informação e comunicação não se concentra mais em poucas fontes. A produção e a disseminação de conteúdos estão nas mãos de todo aquele que possui um tipo de mídia: [...] “the potentials of these technologies imply a radical social change, a redistribution of semiotic power, the power to make and disseminate meanings”. (KRESS, 2003, p. 17).<sup>3</sup>

Ainda nessa obra, Kress (2013) escreve sobre as mudanças na própria estrutura dos textos que não são mais, em sua composição, monomodais, mas que foram ampliados em suas

---

<sup>2</sup> New London Group (Grupo de Nova Londres) é um grupo de pesquisadores da Educação, Comunicação e Letras de universidades australianas, EUA e Reino Unido que apresentaram estudos sobre os novos letramentos. Aqui destacamos Kalantzis, Cope e Kress.

<sup>3</sup> “Os potenciais dessas tecnologias implicam uma mudança social radical, uma redistribuição do poder semiótico, o poder de produzir e de disseminar significados”. (KRESS, 2003, p. 17, tradução nossa).

formas para além da escrita, apresentando-se em outras modalidades como sons, imagens estáticas e imagens em movimento, por exemplo. Sendo assim, mudou não só a escrita e a produção, mas também a leitura dessas multimodalidades, como ele mesmo exemplifica:

The two modes of writing and of image are each governed by distinct logics. And have distinctly different affordances. The organization of writing – still leaning of the logic of speech – is governed by the logic of time, and by the logic of sequence of its elements in time, in temporally governed arrangements. The organization of the image, by contrast, is governed by the logic of space, and by the logic of simultaneity of its visual/depicted elements in spatially organized arrangements. (KRESS, 2003, p. 01).<sup>4</sup>

Em *Multiletramentos na Escola* (ROJO; MOURA, 2012), a multimodalidade é definida como a multiplicidade/variedade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa. Já a multissemiose é a multiplicidade de semioses ou linguagens. Em 2013, no texto *A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos*, Rojo opta por usar texto multissemiótico para referir-se a texto multimodal. Empréstaremos o termo da autora para uso neste trabalho.

Durante décadas, uma nova sociedade formou-se e transformou-se e com ela novas maneiras de ler e significar. Os textos/enunciados se reconfiguraram em novas e várias modalidades de linguagens por conta das possibilidades tecnológicas digitais, portanto, a sociedade e os múltiplos textos contemporâneos exigem não apenas um novo letramento (baseado na linguagem verbal), mas, segundo a teoria do Grupo de Nova Londres, multiletramentos, ou seja, um conceito condizente com o novo contexto. Rojo esclarece:

O conceito de multiletramentos, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade e diversidade cultural* trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (ROJO, 2013, p.09; grifos da autora).

Segundo Kalantziz e Cope (2007), a escola não pode considerar objetos tradicionais em detrimento de um ambiente de aprendizagem orientado ao mundo digital e sua diversidade, pois

---

<sup>4</sup> “Os dois modos de escrita e de imagem são, cada um, governados por lógicas distintas. E têm recursos distintos. A organização da escrita - ainda inclinada à lógica da fala - é governada pela lógica do tempo, e pela lógica de sequência de seus elementos no tempo, em arranjos governados temporalmente. A organização da imagem, por outro lado, é governada pela lógica do espaço e pela lógica da simultaneidade de seus elementos visuais/ retratados em arranjos espacialmente organizados”. (KRESS, 2003, p. 01, tradução nossa).

existe uma realidade digital, global e diversa a qual o aluno já tem contato e que o professor não deve ignorar. É importante lembrar que as preocupações do grupo em considerar, no meio escolar, o mundo digital e as formas como os textos se manifestam nele não exclui uma preocupação mais ampla em sua teoria, assim como podemos constatar no conceito de multiletramentos supracitado, que também trata dos aspectos culturais globais e regionais que compõem os saberes dos alunos:

O que é uma educação apropriada para mulheres, para indígenas, para imigrantes que não falam a língua nacional, para falantes dos dialetos não-padrão? O que é apropriado para todos no contexto de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos? (NEW LONDON GROUP, 1996 apud ROJO, 2013, p. 09).<sup>5</sup>

Na esteira das reflexões desses teóricos, Rojo (2013) propõe uma articulação entre a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e os multiletramentos.

Bakhtin e seu Círculo tiveram uma produção importantíssima no que diz respeito aos estudos do discurso. Sua concepção interacionista mudou a maneira de estudar a linguagem que mobiliza ao estudo do discurso sob a perspectiva dialógica.

[...] o Círculo percebe o enunciado como algo repleto de ‘vozes sociais’ ou línguas sociais, que formam uma intrincada cadeia de responsividade, pois, ao mesmo tempo em que respondem ao já dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordância e dissonâncias, revalorizações, etc. – ‘não há limites para o contexto dialógico’). (FARACO, 2006, p. 58, grifos do autor).

É, então, correto afirmar que um discurso é perpassado por outros discursos (vozes) que vieram antes dele e que também aponta para discursos futuros (alteridade/responsividade) e é por conta dessa característica constitutiva que se pode dizer que o conceito de gêneros do discurso dá conta dos novos desafios de estudos e análises da pluralidade de textos e linguagens que diariamente se (re)configuram na sociedade contemporânea.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros textuais são formas relativamente estáveis, pois são produzidos social, histórica e culturalmente de acordo com as esferas em que circulam e tudo o que esse processo implica: maneira como funcionam os campos e as esferas, lugar social dos interlocutores, tipo de interação etc. Portanto, os interlocutores interagem “nos parâmetros (flexíveis) de gêneros discursivos” (ROJO, 2013, p. 21), segundo as suas características:

---

<sup>5</sup> NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, 1996.

conteúdo temático, estilo e construção composicional. Ora, se também, no mundo digital, os textos/enunciados são produzidos a partir da escolha das modalidades, tecnologias e mídias para produzir os efeitos de sentido, isso significa que, para leitura e análise destes, é possível ampliar os conceitos e características dos gêneros do discurso: considerar as multimodalidades (sons e figuras, por exemplo) na forma composicional, neste caso, das imagens; em relação ao estilo, além dos recursos gramaticais da língua, por exemplo, considerar também unidades semióticas como gestos, cores, movimentos etc.; e, por último, levar em conta as mídias e as tecnologias que influenciam na produção dos efeitos de sentido já que alteram a produção, a circulação e a recepção dos conteúdos (ROJO, 2013).

A teoria dos gêneros do discurso tem, pois, competência para tratar os textos/enunciados que emergem historicamente na contemporaneidade em favor das novas mídias e tecnologias, já que se mostra flexível, assim como esses novos textos/enunciados se caracterizam – e como prega, também, a pedagogia dos multiletramentos. Isso devido a sua abertura que não permite o engessamento de classificações de métodos ou tipologias para dar conta dos hibridismos de modalidades e semioses que surgiram e surgem nessa nova era.

### **3 O SEGUNDO MULTI: O FEMINISMO COMO TEMA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Na seção anterior, entre outras coisas, procuramos definir o que seriam os multiletramentos, de maneira muito breve, de acordo com o espaço que temos neste artigo. Porém, concentramo-nos mais em falar sobre o primeiro significado do prefixo “Multi”, de maneira que se faz necessária a discussão sobre o segundo apontamento que implica no conceito da teoria, haja vista a sua importância para ambas as abordagens que aqui dialogam (multiletramentos e gêneros do discurso).

A sociedade atual é, indiscutivelmente, híbrida. Mesmo dentro de um mesmo grupo, forma-se uma diversidade de histórias, comportamentos e memórias. Conseqüentemente, textos/enunciados são produzidos da mesma forma: híbrida. A comunicação, a produção e o acesso às informações acontecem quase que instantaneamente e, os textos, em suas diversidades, espalham-se com muita rapidez, por meio de sujeitos, também diversos, mas cada vez mais imersos no estilo de vida digital e global (KALANTZIS; COPE, 2004). Diante desse contexto, o Grupo de Nova Londres fez surgir discussões em torno do papel da escola em face do novo perfil social e, claro, do novo perfil dos alunos, articulando novas metodologias de

ensino/aprendizagem em torno da “pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação”. (ROJO, 2013, p. 09).

Em 1996, o grupo defendia que o currículo deve contemplar aspectos culturais, globais e regionais de identidade para ser significativo aos estudantes. Anos depois (2004/2007), Kalantziz e Cope discutiram sobre a necessidade de envolver o mundo digital e a diversidade que ele carrega no ambiente escolar, já que é nesse contexto (fora da escola) que os jovens convivem e nele desempenham práticas de letramento.

O trabalho com a linguagem, proposto por Bakhtin, também caminha nessa direção. Ao definir língua “como um fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* ou *enunciações*” (BAKHTIN, 1992, p. 123, grifos do autor), o teórico evidencia sua concepção de que a língua não é apenas um sistema abstrato, mas tem o social como característica constitutiva. Se sobre essa teoria é possível dizer que considera a língua um fenômeno social que tem sua materialidade no verbal ou noutro tipo de linguagem, é aqui que se firma, além de outros aspectos, a aproximação dela com os multiletramentos: ambas relacionam o social e a linguagem no fio das interações onde os modos de vida, identidades, saberes, enfim, a pluralidade e diversidade cultural se materializam nos textos/enunciados em forma de gêneros do discurso.

Em decorrência de tudo o que consubstancia essas duas teorias e por conta dos assuntos tratados no texto *O Cabelo de Lelê* é que foi feita a opção por usá-lo na análise. Trata-se de um texto da literatura infantil<sup>6</sup> que aborda, principalmente, questões relacionadas ao feminismo, mais especificamente o negro, e à diversidade cultural. A antiga dicotomia cultura erudita, canônica, portanto, valorizada *versus* cultura popular, de massa e, por isso, desvalorizada deu lugar à pluralidade, ao não linear, ao diferente, à diversidade de culturas e textos (ROJO, 2012); as minorias e os grupos fragmentados ganharam visibilidade e passaram a ser incorporados por movimentos maiores, como é o caso do feminismo.

O movimento feminista passou por três ondas desde que foi reconhecido como movimento social no século XIX. Atualmente passa por novas formas de organização, com abordagens multiculturalistas, buscando a valorização das diferenças e diversidades entre as mulheres (LUCENA, 2012). Durante essas três ondas, as mulheres foram percebendo que havia não apenas um, mas diferentes tipos de opressores e que o movimento deveria considerar não somente aspectos universais, mas também os regionais, para que todas pudessem ter

---

<sup>6</sup> A teoria literária possui seus conceitos de gênero consolidados, porém, aqui trabalharemos no viés do discurso, mais especificamente, os gêneros do discurso em Bakhtin.



participação nas lutas e conquistas. Nesse contexto, diferentes grupos se incorporaram ao feminismo, como é o caso das mulheres negras que passam por um momento de valorização de suas identidades e busca por todo o trajeto da memória e história de suas antepassadas (CARDOSO, 2012).

Nessas novas práticas sociais pelo empoderamento da mulher negra, novos discursos surgem na tentativa de subverter conceitos e comportamentos da sociedade e das próprias negras em relação a si mesmas. É nesse contexto que *O Cabelo de Lelê* fala sobre a beleza da menina negra, revisitando a história e a memória de seu povo com o objetivo de aniquilar as regras de branqueamento e a vontade de se enquadrar em estereótipos ditados pelas classes dominantes. Ora, se é na escola que, segundo Rojo (2009) “[...] convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos [...]” dos quais os alunos devem participar “[...] de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 106-107), então é certo afirmar que temas como o da obra analisada aqui devem fazer parte dos estudos, discussões, enfim, das práticas do ambiente escolar.

#### **4 DAS CONCEPÇÕES DA TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO: ALTERIDADE E RESPONSABILIDADE**

Compreendemos que um ensino multicultural que dê conta dos discursos e textos/enunciados contemporâneos, que envolva em seu cotidiano o mundo virtual para que multiletramentos aconteçam efetivamente na escola, ou seja, um ensino que dê conta das constantes mudanças que a sociedade atual vive, deve ter como fundamento uma concepção de língua e linguagem como sistema vivo, heterogêneo, em estado constante de evolução que se cumpre por meio da interação dos interlocutores. Bakhtin (1992) manifesta o conceito de interação como fenômeno social que se dá por meio da enunciação, fundamental para a existência da língua e da linguagem, no qual discursos surgem, se entrecruzam, apontam para outros e evoluem (na medida em que sociedade e linguagem também evoluem), formando e transformando os gêneros do discurso.

A maneira como se ensina e se faz a leitura na escola, mostra qual a concepção de linguagem que se tem. Se ela é concebida como interação verbal entre os sujeitos, a possibilidade de a leitura chegar aos níveis de interpretação e compreensão será maior, pois o texto não será considerado somente em sua estrutura, mas em todo processo social e histórico

que possibilitou a emergência daquele texto e, conseqüentemente, a emergência daquele gênero do discurso. É nas interações sociais que se formam os gêneros. Fazemos uso deles a todo tempo e, embora apresentem características que os classificam e os diferenciam entre si, adaptam-se às mudanças e às evoluções sociais e históricas, já que a linguagem, condição fundamental para a existência dos gêneros, é dessa mesma natureza. Ao passo que a sociedade se torna mais complexa, gêneros novos surgem, alguns se transformam e outros desaparecem. E é com base nesses conceitos que acreditamos que a teoria dos gêneros do discurso dá conta dos desafios impostos nas propostas da pedagogia dos multiletramentos. São várias as bases que compõem a teoria do discurso de Bakhtin e seu Círculo, porém, neste trabalho, abordaremos os conceitos de alteridade e responsividade (dialogismo). (BAKHTIN, 2003).

A linguagem concebida como prática social produzida na interação entre sujeitos se dá por meio da enunciação. A enunciação é o momento do uso da linguagem (BAKHTIN, 1981, p. 181) e, desse modo, a base do dialogismo de Bakhtin e seu Círculo. A enunciação, manifestada em qualquer de suas formas, até mesmo na forma estática da escrita, é uma resposta a um já dito e como resposta se constrói (BAKHTIN, 1992, p. 98). Os discursos e enunciados estão sempre apontando a outros discursos e enunciados anteriores, ditos em outro lugar, em um momento precedente, assimilados e internalizados pelos sujeitos. A palavra do outro sempre estará presente no momento da enunciação. Essa heterogeneidade, essa presença da voz do outro é o princípio da alteridade (BAKHTIN, 1992).

Os discursos são também determinados pelo fato que procedem de um locutor (autor) e se dirigem a um interlocutor (destinatário). Na interação por meio do uso da linguagem, quem determina o dizer é o interlocutor: seu papel social, o grupo ao qual pertence, sua cultura, laços entre autor e destinatário, por exemplo, é o que vai determinar o discurso do locutor. Bakhtin (2003) esclarece:

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes, literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

A responsividade acontece, portanto, mesmo que o interlocutor não responda verbalmente ao locutor, pois a própria compreensão é um ato de responsividade e, nesse sentido, autor e destinatário são participantes ativos no processo de interação. Benites e Silva (2003) resumem de maneira pontual sobre as marcas do discurso (alteridade e responsividade):

[...] a responsividade é a marca da compreensão e da avaliação do enunciado, bem como da interação estabelecida entre os sujeitos. Muito embora possa não ser visível, ou não ocorrer no momento da enunciação, ela se caracteriza pela reação do ouvinte/interlocutor ao discurso que lhe foi endereçado e pela alternância dos papéis na comunicação verbal, sendo esta última já evidência de alteridade do discurso. (BENITES E SILVA, 2015, p. 450)

Discutidos os conceitos de alteridade e responsividade do dialogismo da teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo, conceitos estes que serão base da análise que se procede abaixo, passemos, de fato, a ela.

## 5 ANÁLISE DISCURSIVA DE O CABELO DE LELÊ

Como já evidenciamos na Introdução, nosso objetivo é analisar como o texto *O Cabelo de Lelê* (literatura infantil) subverte estereótipos da criança menina negra para formar uma nova identidade empoderada, com a finalidade de evidenciar possíveis relações de alteridade e responsividade tanto da linguagem verbal, quanto da linguagem não verbal ou imagética.

Por conta do espaço disponível no artigo, não serão todas as páginas do livro tomadas para análise, mas aquelas que mais destacam nossos objetivos.

**Figura 1.** *Lelê não gosta do que vê. / De onde vem tantos cachinhos? Pergunta Lelê sem saber o que fazer*



Fonte: Belém (2012)

Os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262), entre outras coisas, porque possuem características que os definem e, ao mesmo tempo, os diferenciam de outros gêneros. À medida que a sociedade e a história se transformam, os gêneros também se transformam, pois refletem o contexto sócio-histórico daquele momento.

Sendo assim, é grande o número de gêneros existentes. O próprio gênero ao qual pertence *O cabelo de Lelê*, literário infantil, passou por transformações para adaptar-se ao contexto tecnológico atual, saindo do livro físico e apresentando-se, também, em versão virtual. Dessa forma, novamente, podemos citar a relação que se pode fazer, na leitura dos textos, entre as duas teorias que aqui dialogam (pedagogia dos multiletramentos e gêneros do discurso).

Na escrita da Figura 1, percebemos, explicitamente, uma marca de responsividade: a pergunta feita pela personagem Lelê exterioriza sua dúvida, questionando a outro sobre a sua aparência, mais precisamente sobre o jeito que seu cabelo é. Embora esse outro não esteja explícito ali, sabe-se que ele existe, pois é em face de alguém, que possa lhe responder, que a menina impõe um diálogo. E, mesmo que a personagem não obtenha resposta, a própria compreensão é uma forma de responsividade, o interlocutor a quem ela se dirige compreenderá e, a partir da compreensão é que surgem os julgamentos, aceitação ou rejeição da palavra do outro (BAKHTIN, 2003, p. 297).

O discurso do outro também aparece neste enunciado. Não de maneira explícita. Mas, ao refletir sobre o fato de Lelê não gostar do que vê quando olha seu cabelo, subentende-se um dizer que aquele tipo de cabelo não é belo, não é digno de ser amado e quem o tem precisa fazer com que ele mude. Segundo o Círculo, todo enunciado é formado por “vozes alheias” (FARACO, 2006, p. 58) que se transformam em palavras próprias. O que Lelê pensa sobre si é resultado da heterogeneidade do discurso formado por discursos anteriores.

Como já foi discutido, o enunciado não é manifestado apenas verbalmente. Em sua manifestação em linguagem não verbal, a análise empreenderá também sobre as formas composicionais das imagens que produzem esses efeitos de sentido de responsividade. Fica por conta da linguagem visual a descrição mais exata de como é o cabelo de Lelê: volumoso, negro e cacheado. A responsividade aparece no questionamento que os olhos expressam, voltados para cima, o próprio destaque do rosto da personagem evidenciado os olhos perguntadores e suas características negras. Também nos olhos vê-se a tristeza com a qual ela questiona sua aparência, a partir do discurso do outro, anterior, que diz não haver beleza em seus cachinhos. Os olhos, nesse sentido, questionam e apontam para cima, para o cabelo rejeitado. Também a maneira como a boca foi desenhada, mais puxada para a direita da (o) leitora (o), tem tom de tristeza e essa tristeza também é marca da alteridade, pois mostra que ela ouviu esses discursos anteriores e os internalizou como verdades.

**Figura 2.** *Fuça aqui, fuça lá. / Mexe e remexe até encontrar / O tal livro, muito sabido, que / Tudo pode explicar.*



Fonte: Belém (2012)

Lelê vai procurar em um livro uma resposta para seus questionamentos. O livro é um suporte no qual escrevem autores autorizados a escrever sobre determinado assunto. A busca por outro discurso, em um lugar autorizado, numa fonte de conhecimento da qual não se pode duvidar – “o livro sabido, que tudo aquilo pode explicar” – é a retomada de um outro enunciado, anterior, com o objetivo de responder as dúvidas da personagem. Bakhtin (2003) diz que a retomada é uma marca de responsividade, pois cada enunciado é resposta a um outro que veio antes, seja para aceitá-lo, confirmá-lo, rejeitá-lo. De qualquer maneira, sempre vai levá-lo em conta (BAKHITIN, 2003, p. 297). A retomada do discurso histórico é, então, utilizada para responder as dúvidas de Lelê.

No enunciado não-verbal, a retomada aparece no livro desenhado entre os braços de Lelê que se cruzam, abraçando-o. A expressão dela, a maneira como abraça o livro reflete alegria e ternura pelo objeto autorizado e com poder para responder suas perguntas. Vale ressaltar também a maneira como o cabelo de Lelê se apresenta: mais armado, com cachos mais definidos reafirmando o tom de alegria e começando a destacar a liberdade de deixá-lo solto, de assumir sua identidade.

**Figura 3:** *Depois do Atlântico a África chama / E conta uma trama de sonhos e medos / De guerras e vidas e mortes no enredo / Também de amor no enrolado cabelo / Puxado, armado, crescido, enfeitado / Torcido, virado, batido, rodado / São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!*



Fonte: Belém (2012)

Na Figura 3, a voz do outro pode ser observada no verbal. Os enunciados revisitam o discurso histórico ao revestirem de linguagem poética a voz autorizada da história. Recorre-se a esse outro discurso a fim de responder aos questionamentos de Lelê ou também de qualquer leitor(a) que tenha as mesmas perguntas; o verbo “conta” confirma que se trata de uma história – poética e social – sendo contada. A história do povo negro é, assim, narrada em forma de poesia com palavras, em sua maioria, paroxítonas que, ao serem lidas em voz alta, formam um ritmo parecido com o das batidas dos tambores africanos: por meio da palavra escrita, a escritora relembra os sons que fazem parte da cultura dos antepassados da personagem, ou seja, retoma a memória cultural do povo africano.

A busca pelo discurso histórico, a voz do outro autorizado a falar, aparece na figura do livro sobre “Países Africanos” que traz em destaque, na capa, o desenho do continente em evidência. Os olhos de leitura curiosos de Lelê e seu sorriso aprovam sua satisfação em obter as informações as quais buscava. Seu cabelo grande envolve a história em forma de poesia, como se ela estivesse envolvendo em seus cabelos a própria cultura, uma memória enrolada em seus cachos.

“Um locutor não é o Adão bíblico” (BAKHTIN, 2003, p.319), ou seja, nenhum indivíduo é a origem do seu dizer. Por conta da interação, todo enunciado é heterogêneo e nele é perceptível a presença de outros enunciados, anteriores a ele. Na Figura 3, tanto na linguagem verbal, quanto na não verbal, percebe-se a forte presença, dentre outros, do discurso histórico sobre os negros que foram trazidos da África. Essa heterogeneidade aparece em diferentes níveis nos enunciados e pode ser facilmente interpretada ou não. Bakhtin fala sobre esses níveis de alteridade: “em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade” (BAKHTIN, 2003, p. 319).

**Figura 4:** *Descobre a Beleza de ser como é / Herança trocada no ventre da raça / Do pai, do avô, de além-mar até*



Fonte: Belém (2012)

“Descobre a beleza de ser como é”, essa frase resume um dos principais conceitos do movimento feminista na atualidade, que tenta quebrar as amarras que alguns discursos sobre beleza impõem à mulher. A busca pelo encaixe nos padrões que a sociedade atual dita leva muitas mulheres negras à busca pelo branqueamento: alisar os cabelos, usar cosméticos para branquear a pele e abandonar as vestes africanas (como os turbantes). Um dos opressores da mulher negra seria, então, a ditadura deste padrão. O movimento feminista negro vem, com o discurso contrário, desvencilhar as correntes que prendem a negra, valorizando a beleza de sua cor, seus cabelos e o poder que representa o turbante, por exemplo, para que se resgate o valor de suas vestimentas. A escritora reatualizou enunciados anteriores sobre beleza (pertencentes ao discurso feminista) para compor sua narrativa. Além disso, “ventre da raça”, “pai”, “avô” e “além-mar” são sintagmas nominais que remetem ao passado. O discurso histórico e o discurso feminista são visitados com o intuito de subverter o desejo pelo estereótipo da menina branca para o empoderamento da menina negra.

O “ventre da raça”, ou seja, o passado, a história, a memória do povo africano são representados, na Figura 4, à esquerda do(a) leitor(a), pelo cabelo de Lelê envolto por uma forma imagética que lembra um ventre materno, ou seja, sua origem. Cada cachinho dela possui pequenas luzes, o que nos leva a interpretar que o cabelo da personagem reúne toda a história, luz e beleza de seu povo. Na página à direita do(a) leitor(a), Figura 4, aparece Lelê com dois penteados diferentes, fazendo referência à beleza, às formas como ela pode arrumar seu cabelo, com penteados característicos de sua cultura ancestral, aproveitando as possibilidades que seu cabelo proporciona. É aqui que o discurso da beleza própria, da valorização de ser como é, da

busca pelas tradições de beleza africana, da quebra das correntes, que o discurso feminista busca, aparecem. As imagens mostram um cabelo volumoso, para cima, grande e cacheado como belo, o que destoa do modelo do cabelo “controlado” do padrão que grande parte da sociedade segue/seguiu neste momento histórico.

Como já foi dito, nenhum indivíduo é origem do que diz e todo enunciado é heterogêneo. O dialogismo de Bakhtin considera os enunciados em movimento, nunca prontos e acabados. Na relação locutor e interlocutor, haverá sempre transformação e, mesmo, subversão dos sentidos. É por conta dessa característica dialógica do discurso que a interpretação é infinita e podemos dizer que as autoras revisitaram sentidos esquecidos ou não (nos discursos feministas negro e histórico) que voltam à memória, ocasionando a subversão do discurso de branqueamento e a construção de uma identidade empoderada, “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica”. (BAKHTIN, 1992, p.135).

**Figura 5:** *Lelê ama o que vê / E você?*



Fonte: Belém (2012)

Finalmente, a narrativa termina quando Lelê aprende a amar o que vê ao olhar para si mesma. A característica dialógica da linguagem da qual fala Bakhtin (1992) aparece de maneira mais explícita aqui: o diálogo em sua forma primária. A escritora coloca a pergunta “E você?” diretamente ao(à) leitor(a), para que responda sobre o que pensa de sua aparência depois de ter conhecido a história da personagem Lelê.

Trata-se de uma pergunta provocativa, para que o(a) leitor(a) reflita sobre sua beleza e sobre o que pensa sobre si mesmo(a), ou seja, a pergunta é um diálogo com o(a) leitor(a) em um primeiro nível, ao mesmo tempo em que também é um convite a refletir sobre tudo o que



foi lido até ali. É um convite a subverter seus pensamentos e comportamentos e formar sua identidade, empoderando-se de sua beleza, sua história e sua memória. Sobre essa intenção de provocar o(a) leitor(a) a uma atitude responsiva, mesmo que as autoras não recebam, diretamente, tais respostas, Bakhtin diz: “Todo enunciado (discurso, conferência, etc.) é concebido em função de um ouvinte, ou seja, de sua compreensão e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa”. (BAKHTIN, 2003, p. 292).

Nas imagens, vemos algo que a escrita não nos mostra: a possibilidade de outras identidades, outras histórias, outras meninas também subverterem suas identidades, abandonarem os padrões impostos, empoderarem-se. A figura de três meninas diferentes em suas roupas, seus cabelos, cor da pele, mas unidas em um abraço, em um sorriso e em olhares que direcionam para quem está ao lado mostra a diversidade de belezas das crianças, principalmente as meninas. Mostra também a união da qual fala o movimento feminista nas últimas décadas, na tentativa de incluir todas as mulheres e seus diferentes problemas e reivindicações: “o feminismo multicultural busca a valorização das diferenças de identidade das diferentes culturas, validando os diferentes caminhos para a construção do ser humano” (LUCENA, 2012, p. 09). Essas diferentes belezas que mostra a imagem são também um diálogo com o(a) leitor(a) quando expressam que não somente a menina negra, mas todas as meninas podem se amar da forma como são.

## 6 BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar o texto multissemiótico *O Cabelo de Lelé*, literatura infantil, com base no diálogo entre os conceitos do Grupo de Nova Londres e a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin, na tentativa de entender como acontece a subversão de estereótipos da criança menina para formar uma nova identidade empoderada, evidenciando possíveis relações de alteridade e responsividade (dialogismo).

A necessidade de discutir mudanças no ensino, em vista das mudanças sociais diante da evolução tecnológica, apontadas pela pedagogia dos multiletramentos, foi o que levou à elaboração deste estudo. Notamos uma estreita relação entre a teoria dos gêneros do discurso e dos multiletramentos referente às: a) preocupações desta última em incluir, no ensino, os diferentes textos que surgem na contemporaneidade, b) diversidades culturais no âmbito escolar aliadas à c) abertura teórica e metodológica que os conceitos de Bakhtin e seu Círculo admitem na análise e leitura desses textos. Esperamos que o imbricamento entre esses dois eixos,

discutido e desenvolvido nesta pesquisa, bem como os movimentos de análise contribuam para a reflexão da prática docente no âmbito da produção das interpretações de textos multissemióticos no sentido de dar um passo a mais nos métodos de multiletrar – e não apenas letrar – por meio da leitura dos efeitos de sentido das linguagens múltiplas as quais os alunos já dominam – e até manipulam.

Além disso, consideramos de extrema importância falar sobre o feminismo ou qualquer outro movimento que empodere os grupos excluídos nas sociedades e nos sistemas de ensino. Nossa análise evidenciou a atual abordagem multicultural do feminismo ao entender que a personagem, entristecida com seu cabelo cacheado e volumoso, passa a questionar sua aparência e encontra, na história, na memória e na cultura de seu povo, as respostas que procurava. A subversão do estereótipo e a formação da identidade empoderada começam a partir de então. Lelê descobre a beleza de ser como é.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. 2d. São Paulo: IBEP, 2012. Disponível em: [http://www.4shared.com/document/WPCpPkSL/O\\_Cabelo\\_de\\_Lel\\_Valria\\_Belm.html](http://www.4shared.com/document/WPCpPkSL/O_Cabelo_de_Lel_Valria_Belm.html). Acesso em: 09 jan. 2016.

BENITES, S.; SILVA, D. O dialogismo no gênero discursivo notícia. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v.37, n.04, p.347-357, 2015.

CARDOSO, C. P. **Outras Falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: EDUNESP, 1998 [1997].

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2006.

FIORIN, J. L. O estilo. In: **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, SP: Ática, 2006. 144p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. 2019. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206). Acesso em: 05 abr. 2020.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Designs for learning. *E-Learning*, v. 1, n. 1, 2004, p. 38-92. *In*: KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (Org.). **A new literacies sampler**. New York: Peter Lang, 2007.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London; New York: Routledge, 2003.

LEMKE, J. L. Metamedia literacy: Transforming meanings and media. *In*: REINKING, D. *et al.* (Eds.). **Literacy for the 21st Century: Technological transformation in a post-typographic world**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1998. pp. 283-301. Disponível em <http://academic.brooklyn.cuny.edu/education/jlemke/reinking.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LUCENA, M. **Os debates do movimento feminista: do movimento sufragista ao feminismo multicultural**. 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/100/49>. Acesso em: 13 jan. 2016.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, 1996. Disponível em: [http://wwwstatic.kern.org/filer/blgWrite44ManilaWebsite/paul/articles/edagogy\\_of\\_Multiliteracies\\_Designing\\_Scial\\_Futures.htm](http://wwwstatic.kern.org/filer/blgWrite44ManilaWebsite/paul/articles/edagogy_of_Multiliteracies_Designing_Scial_Futures.htm). Acesso em: 11 jan. 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. *In*: ROJO, R. (Org.). **Multiletramentos e as TICs: escol@ conect@d@**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 9-32.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.